

A EXISTENCIALIDADE EM WITTGENSTEIN

Vamireh Chacon
Universidade de Brasília

Ludwig Wittgenstein passa por filósofo de difícil leitura. Ele que queria clarificar com rigor o discurso filosófico, terminou por vezes se perdendo no seu terreno movediço. O próprio Wittgenstein dizia que nem seus mestres e amigos Frege, Bertrand Russell e Moore o tinham plenamente entendido. Um aluno e também da Universidade de Cambridge, Norman Malcolm, deixou o testemunho que "o mais usual era que seus pensamentos fossem sombrios. Estava deprimido, creio, por causa da impossibilidade de chegar a entender a Filosofia". Seu método transformara-se em armadilha na qual ele foi o primeiro a cair.

A política não o tirou do dilema. Inicial admirador, foi à União Soviética em 1935 e voltou decepcionado com seu desfecho em stalinismo.

Wittgenstein — vienense sofrido com a Primeira Guerra Mundial, na qual combateu como soldado, e com a Segunda Guerra e o nazismo de que se salvou por estar na Inglaterra, filho que era de pai judeu, embora secularizado, mas de mãe católica praticante — homem atormentado também por irresolvidos problemas psicológicos íntimos, era um angustiado, o tema subjaz ao longo da sua obra e sempre aflora. Muito sintomático que, numa época de positivismos vulgarizados, entre eles o leninismo-stalinismo, versão mecanicista e voluntarista do marxismo dialético e historicista nos seus começos, as profundas implicações

de Wittgenstein sejam ignoradas ou subestimadas. No Brasil, Urbano Zilles é uma das exceções, com seu ensaio, *O Racional e o Místico em Wittgenstein*, publicado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991.

Ludwig Wittgenstein passara por iniciáticas, mais que meramente iniciais leituras de Schopenhauer e Nietzsche, Dostoiévsky e Tolstoy, quando deixou seu projeto pessoal de ser engenheiro e passava à filosofia. Os rigores matemáticos conflitaram-se em seu ânimo pela sua impossibilidade de ajudar a resolver as questões existenciais, deste dilema ele jamais conseguiu sair, “o inferno da Lógica” como o chamava. A ponto de viver obcecado com o suicídio e reconhecer nas suas anotações íntimas: “Toda sabedoria é fria, e (...) é tão impossível corrigir a própria vida graças a uma sabedoria quanto forjar o ferro a frio. Uma das lições do cristianismo, a meu ver, é a de que todas as boas doutrinas de nada servem. É a vida que é preciso mudar (ou a orientação da vida)”. “A sabedoria é cinza. A vida, ao contrário, e a religião, são cheias de cor. A sabedoria é desprovida de paixão. A fé, ao contrário, em Kierkegaard chama-se uma paixão”.

“Paixão”, palavra-chave da cultura alemã desde o *Jovem Werther* goethiano. Em alemão, “dor” (*Leid*) está na raiz de “paixão” (*Leidenschaft*) de um Fausto a outro, e *doktor Faustus* de Thomas Mann. No de Goethe, a célebre saudação de abertura de Mefistófeles: “Cinzenta é toda teoria, verde a árvore dourada da vida”! Antecipando aquele Wittgenstein de quem parece o eco, no qual também ressoa algo das *Confissões* de Santo Agostinho, uma das leituras wittgensteinianas antes de sua migração do qualitativo para o quantitativo e seus dilemas sem solução sem a contrapartida, sempre recorrente na paixão: “Parece-me que uma fé religiosa talvez não passe de adesão apaixonada a um sistema de referência. Conseqüentemente, embora se trate de uma fé, é no entanto uma maneira de vida, ou uma maneira de julgar a vida. Uma maneira de abraçar apaixonadamente determinada concepção de vida” (grifos meus).

Daí sua crítica francesa Christiane Chauviré poder concluir que Wittgenstein pertence, sim, à estirpe de Pascal e Kierkegaard, após passar pelo pessimismo de Schopenhauer e Lichtenberg, “muito mais que um lógico preocupado com os fundamentos das matemáticas ou com a defesa do atomismo lógico...” Não se satisfaz com o trânsito do apodítico à aporia.

Pois o celeberrimo aforismo 7 do *Tractatus logico-philosophicus*, “o que não se pode exprimir deve-se calar”, completa-se com “existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é o místico”.

Mais do que coincidência ou convergência com Santo Agostinho, quando dizia que sem ser perguntado entendia o mistério de Deus, não mais quando tinha de explicá-lo: raiz antiga da distinção de Max Weber entre “explicar” e “entender”, *erklären* e *verstehen*, hipótese plausível pelo grande interesse weberiano da Sociologia das Religiões à História das Teologias.

A vida, portanto, para Wittgenstein, é tanto existencial como mística num certo sentido como o do medieval Mestre Eckhart: “Você pode perguntar durante mil anos à vida: por que vives? E ela responderá sempre: vivo porque vivo, vivo por viver. A razão é que a vida tira sua vida do seu próprio fundo e jorra do seu próprio ser”.

A tendência wittgensteiniana para a síntese místico-existencial, inconclusa por suas dificuldades pessoais de temperamento, procurando até no freudismo a sublimação, aquela tendência vem à tona principalmente nos momentos de maior crise íntima, por exemplo como soldado na linha de frente de combate na Primeira Guerra Mundial, anotação de 25 de maio de 1915: “O impulso para o místico origina-se da insatisfação de nossos desejos através da ciência. Nós *sentimos* que, mesmo depois de respondidas todas as perguntas científicas *possíveis*, nosso problema ainda não foi tocado”. E em 8 de julho do ano seguinte, sempre da linha de combate: “Crer em um Deus significa compreender a pergunta pelo sentido da vida. Crer em um Deus significa que nem tudo se exaure nos fatos do mundo. Crer em um Deus significa que a vida tem um sentido”.

Desta fenomenologia existencial, ao seu modo, à afirmação em termos de criticismo de Kant por Wittgenstein: “O limite da linguagem se mostra na impossibilidade de descrever o fato que corresponde a uma proposição (que é sua tradução) sem justamente repetir a proposição (Está em questão aqui a solução kantiana do problema da Filosofia)”. O próprio Kant sentiu, não apenas entendeu o dilema da razão categorial pura, tendo de recorrer ao sentimento moral para completar o categórico imperativo ético na razão prática.

Edmund Husserl, no seu monumental *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, demonstrou extensa e verticalmente as origens e conseqüências da generalização do raciocínio formal matemático a toda cultura ocidental.

A crise parte da proposta de matematização da natureza por Galileu Galilei, “o maior descobridor da modernidade”, mesmo com o feitiço virando contra o feiticeiro, ponto de começo desta crítica husserliana.

Husserl mostra como “toda esta matemática *pura* nada tem a ver com os corpos e com o mundo corporal senão numa abstração, isto é, que ela só tem a ver com as *formas abstratas* da espaço-temporalidade e, além do mais, só àquelas enquanto formas-limites ‘ideais’”, “atitude matemático-idealizante”. “É com Galileu que esta inquietante idéia da natureza entra em cena, por assim dizer, toda equipada pela primeira vez”.

“Mas que é a exatidão?”, pergunta-se Husserl e ele mesmo responde: “A medida empírica aumentando sua precisão, mas na direção de um mundo de idealidades já objetivado antes pela idealização e construção...” Isto é, criam-se paradigmas, modelos tão ideais quanto os históricos tipos-ideais weberianos, e procuram-se aproximações quantitativas as mais mensuráveis possíveis, ao fim e ao cabo perdendo-se por entre os dedos da mão como se vê pelo princípio da indeterminação de Heisenberg: à medida que se pode calcular a posição de um corpo no espaço, menos se pode calcular sua velocidade, e vice-versa. Nenhum computador, por possante que seja, resolve o problema, porque ele é qualitativo, intrínseco, ontológico, ademais de quantitativo relacional.

A questão tem tantos desdobramentos, implicações e consequências tão graves que se precisa recorrer textualmente a Husserl em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* — Europa para ele incluindo a América do Norte, atingida em cheio pelo quantitativismo, dali se irradiando mundo adentro. Pois “toda História da Filosofia, desde a aparição da ‘Teoria do Conhecimento’ e as das sérias tentativas para erigir uma filosofia transcendental, é a história das violentas tensões entre filosofia objetivista e filosofia transcendental”, o que dá “a tomada de sentido mais profunda que concede sua unidade ao vir-a-ser histórico-filosófico da modernidade: a unidade que liga as gerações de filósofos...”.

Por aí ocorreu a rachadura na modernidade, a que Edmund Husserl se propõe superar algo pós-modernamente.

A matematização do mundo e da sua filosofia foi um progresso “lá onde lhe pertence”, ao nível físico, não ao meta-físico em termos de filosofia *ordine geometrico*, quase se ouve aqui a distinção pascaliana entre âmbitos e limites do *esprit de géométrie* e do *esprit de finesse*, a razão e o coração... em David Hume, porém, o relativismo de origem empírico-matemático vai às últimas consequências, “até o desenraizamento de todo o ideal da Filosofia” e, num bumerangue, feitiço contra feiticeiro, chega a atingir em cheio “toda espécie de cientificidade que era a das novas ciên-

cias". "Assim se encontra atingido, e isso é de extrema importância, não só o ideal filosófico *moderno*, mas mesmo o *conjunto da filosofia* do passado, de toda instauração de uma tarefa para a Filosofia concebida como *ciência universal objetiva*".

Acrescente-se e lembre-se ter Pascal se antecipado ao enfrentamento do problema em plena época de Descartes, que não o conseguia resolver. Kant procurará no século seguinte a complementação do transcendental categórico racional puro com o transcendental moral prático. Wittgenstein, porém, ficará no impasse, ao recompô-lo nas cabeceiras da filosofia analítica, enquanto filosofia da linguagem-meio sem metas, inclusive quando recorre a implicações matematizantes, o que comprova a validade da crítica husserliana à crise da modernidade.

Urbano Zilles interroga-se no esforço de salvar o salvável de Wittgenstein: "Não será o *Tractatus* antes uma introdução paradoxal ao pensamento místico a exemplo de Nicolau de Cusa e Santo Agostinho, cuja obra parece ter conhecido? Não dizia Santo Agostinho que, antes de conhecer o que Deus é, podemos conhecer o que não é?" "Desta forma o *Tratatus* constitui uma variante moderna da antiga 'teologia negativa', que sempre abriu o caminho a Deus enquanto excluía a transcendência do âmbito do dizível". Muito além do positivismo lógico e da filosofia analítica.

Bem que Wittgenstein poderia ter remontado a ainda antes, ao pré-socrático Heráclito: "O mestre cujo oráculo está em Delfos não declara, não oculta, mas dá sinais". "Sinais", signos, a Semiótica já entrevista, a força criativa, determinante, mais que expressiva determinada da palavra.

"A natureza gosta de esconder-se", ao dizê-lo, Heráclito não antecipava o *Tractatus*: "O que não pode exprimir-se deve calar-se"?

Santo Agostinho deu sua contribuição à solução do problema ao mostrar como não é a palavra externa que gera a verdade quando a multiplica, expressando-a, e sim sua animadora força interior. O *De Magistro* agostiniano do também remoto ano de 389 é "o verdadeiro fundador dessa linha de pesquisa chamada Semiótica", segundo a análise de Coseriu.

Martinho Gomes Queiroz — do grupo de Filosofia da Linguagem do Professor Luís Antônio Marcuschi, doutor pela Universidade alemã de Erlangen e na Universidade Federal de Pernambuco (é bom que se citem pesquisadores não só de São Paulo e Rio de Janeiro) — descreveu em segura síntese o sentido

de lumen mentis e do coração da palavra interior (*noli foras ire: in interiore homine habitat veritas*; “não queiras sair para fora de ti: a verdade habita no íntimo do homem”): *ego dico in cord vero quod scio* (“digo a verdade que sei de coração”).

Em 1950, menos de um ano antes de morrer, numa das últimas anotações, Wittgenstein escreveu: “A vida pode educar para a fé em Deus. E há também experiências que podem fazê-lo”. “Se queres permanecer em religião, precisas *lutar*.” Noutra anotação das finais — dele que tanto entendia e sentia a música de Brahms e Bruckner, Mahler e Mendelssohn, Mozart e Schubert, a ponto de ter sonhado ser maestro em vez de engenheiro ou filósofo — Wittgenstein confessou tudo de si mesmo, do seu Mestre interior como o chamava Agostinho pecador e santo: “Bach escreveu na página de rosto do seu *Orgelbuchlein*: ‘Para a Glória do Altíssimo, e para que meu próximo possa Nele se encontrar em paz’. Eis o que eu teria gostado de dizer da minha obra”.

É o caso de concluir com Pascal: “Se Me procuras é porque já Me encontraste”.

Endereço do autor:
Departamento de Ciência Política da UnB
70910-900 — Brasília — DF